

# ANTONINO, O HOMEM MARICAS: ESTIGMA E PRODUÇÃO DA DIFERENÇA EM *O FILHO DE MIL HOMENS*, DE VALTER HUGO MÃE

Rafaella Cristina Alves TEOTÔNIO\*

- **RESUMO:** O artigo analisa a construção do personagem Antonino no romance do autor português Valter Hugo Mãe, *O filho de mil homens*, observando como, a partir de uma estratégia narrativa que remete à fala social, o autor representa uma visão estigmatizada do sujeito homossexual. O texto reflete sobre a construção social e discursiva de gênero em uma sociedade de ordem heteronormativa, visando, a partir das teorias de Judith Butler (2010) e Stuart Hall (2016), bem como da análise do texto literário, discutir sobre estigma, estereotipagem e produção da diferença.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Antonino. Diferença. Gênero. Sujeito. Valter Hugo Mãe.

Em *Problemas de gênero*, Judith Butler (2010, p. 38) pergunta: “em que medida as práticas reguladoras de formação e divisão do gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito, e, a rigor, o *status* auto-idêntico da pessoa?”. A problemática que supõe esta pergunta propõe entender como o gênero constrói a identidade do sujeito, não sendo possível significar as pessoas sem a marca de gênero. Em *O filho de mil homens*, a diferença constrói os personagens. É ela que marca as representações dos sujeitos minoritários a partir de uma estratégia narrativa que revela uma fala social, em que o narrador heterodiegético parece colher do ambiente em que se passa a história os discursos sobre esses sujeitos, designando suas identidades. Na narrativa, os personagens que não são evocados pelo narrador por epítetos, por se constituírem como indivíduos que estão de acordo com a ordem normativa, designam os personagens fora dessa ordem com epítetos relativos à diferença que os marcam. Desse modo, o personagem Antonino é tido como o “homem maricas”:

Muitos anos passados, apareceu por ali um homem maricas que vinha ver a Isaura de longe, a dizer-lhe bom dia e a sorrir. Era um homem dos que não gostavam de raparigas e precisavam de fazer de conta. Aparecia pelo campo

---

\* UFPE – Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Artes e Comunicação – Departamento de Letras – Recife – PE – Brasil. 50710-250 – faelacristina@hotmail.com.

grande e queria meter conversa com ela que, magra e muito muda, o enxotava entre os bichos sem querer conversa. A vizinhança dizia, mesmo sem certezas, que era um homem com histórias horríveis, encontrado nos ermos a falar com estranhos, com outros homens, que tinha sido visto a subir as calças ao pé das águas onde os trabalhadores nadavam. Sabiam todos que havia crescido errado, diferente dos outros rapazes, diferente das pessoas. (MÃE, 2011, p. 53).

Em *O filho de mil homens*, o narrador tenta contar a história a partir do discurso social, tentando abster-se dos julgamentos e das informações lançadas sobre os personagens. Trata-se de uma estratégia narrativa que busca reconstruir um ambiente onde as diversas vozes constroem imagens preconceituosas dos sujeitos. A maneira de contar do narrador, como se tivesse escutado a história e quisesse transmiti-la, reforça a característica fabular da trama, próxima a uma história oral. O narrador parece colocar as palavras nas bocas dos outros. Assim, nesse trecho, ao falar de Antonino, ele reproduz a voz da “vizinha”, além de cunhar o personagem como “o homem maricas”, da mesma forma que cunha outros personagens no decorrer da narrativa, enfatizando suas condições marginais e a forma como são vistos pela comunidade. É a partir da reprodução desses discursos que o narrador consegue reconstruir, pelas imagens dadas desses sujeitos, a maneira como a sociedade demarca e reprime os corpos.

Para Butler (2010), não existe um “eu” fora da linguagem. O gênero é uma construção discursiva onde a sociedade, a partir da linguagem, opera na criação da identidade de gênero dos sujeitos. Na esteira de Michel Foucault (2010), que concebe o discurso como “grandes grupos de enunciados” que controlam a forma como os sujeitos percebem, falam e apreendem os momentos históricos específicos, a autora discute sobre a construção da heterossexualidade compulsória:

[...] a ordem dominante pela qual os homens e as mulheres se veem solicitados ou forçados a ser heterossexuais. Butler declara que as identidades de gênero que não se conformam ao sistema da “heterossexualidade compulsória e naturalizada” mostram como as normas de gênero são socialmente instituídas e mantidas. (SALIH, 2013, p. 71).

Ao trazer à cena literária personagens que retomam mundos possíveis, Valter Hugo Mãe concebe uma narrativa onde aquele que conta, o narrador, o faz a partir dos discursos que “ouve”, sendo esses discursos de exclusão. Pela história, o leitor só pode conhecer Antonino pelas imagens que os outros criam sobre ele, assim como os demais personagens minoritários. A elaboração desses personagens é dada justamente pelo discurso que se tem sobre eles. Assim, Antonino é considerado como um ser diferente e repugnante por não seguir as normas dominantes naquela sociedade. Desse modo, a identidade homossexual de Antonino é elaborada pelo

discurso que se tem sobre a homossexualidade. Nesse sentido, a subjetividade deste personagem perde-se, pois ele só pode ser observado a partir do que os outros criam sobre a sua sexualidade. Ou seja, o fato de ser compreendido como homossexual marca a sua identidade, de modo que ele não consegue existir fora dela:

Diziam que o Antonino não se podia sentar porque lhe doía o cu. Também faziam a versão cor-de-rosa, não qual os homens maricas, por serem delicados, se adoçavam durante horas e enfeitavam com as penas dos pavões e depois respiravam só o perfume das flores para soltarem gases bem cheirosos. Diziam que lhes nascia veludo nas nádegas e tinham uma tabuleta a dizer pode entrar, como se fossem tão abertos que dentro do cu fizessem um salão de baile. (MÃE, 2011, p. 99).

O modo como a sociedade representada no romance compreende a homossexualidade, em suas imagens bizarras e preconceituosas, é o modo como compreendem Antonino, estigmatizando-o como o “homem maricas”. Assim, a narrativa constrói-se a partir da relação de alteridade entre o olhar dos sujeitos que correspondem à norma sobre os corpos dos sujeitos que a subvertem. A ilustração dessa problemática social pela narrativa alia-se a compreensão de Irving Goofman (1975, p. 11) sobre o *Estigma*. Para ele “a sociedade estabelece os meios para categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”.

Dessa forma, a principal questão tratada pelo romance *O filho de mil homens* diz respeito à produção da diferença. Nesse sentido, o enfoque em uma narrativa que se aproxima da fábula desenha a maneira como a sociedade, a partir da linguagem, produz os sujeitos, o que faz recordar o pensamento de Foucault (2010) sobre a conexão entre poder e conhecimento. Os sujeitos marcados pela diferença são produzidos, representados na narrativa a partir das imagens dadas por outros personagens. A primeira interpretação que o leitor pode ter sobre esses personagens “diferentes” vem dessa relação desigual que revela também o poder de um grupo social sobre outro. Ou seja, os personagens “normais” são aqueles que designam os “anormais”, os que não correspondem à norma estabelecida, como é possível observar no fragmento sobre a personagem anã:

Pouco mais de oitenta centímetros que nem assomavam acima dos muros mais baixos dos caminhos. Era assim como um ser mais rasteiro a passar sem que se visse, sem que alterasse as vistas, sem que fosse gente. Nem é gente, pensavam as pessoas. É uma pessoa pequenina, como uma criança que envelhece e não deixa de o ser. Fica sempre criança e perde a mãe. Precisa que cuidem de si. Não é gente como a gente. E a anã, sem ouvir tanto do que diziam ou saber tanto do que pensavam sobre si dizia uma e outra vez que esperava ainda por um

homem com maneiras delicadas que quisesse ficar consigo. Achava que havia um homem para amar cada mulher. As outras, quase um metro acima de si, não sabiam se uma mulher podia ser tão pequena. (MÃE, 2011, p. 25).

Ambientado em um universo rural e interiorano, o romance conta a história de sujeitos que, por suas condições, unem-se em prol de seus afetos. Crisóstomo, pescador solitário, encontra Camilo, órfão da anã, fazendo-se então pai e filho. Isaura, rejeitada pelo noivo, encontra em Antonino, homossexual discriminado pela mãe e pela vizinhança, uma amizade, assim como encontra em Crisóstomo um marido. As histórias de rejeição e de solidão são transformadas pelo encontro dos personagens e pela pretensa lição que o livro revela ao leitor, já anunciada em suas primeiras páginas: “Acreditou que o afeto verdadeiro era o único desengano, a grande forma de encontro e de pertença. A grande forma de família” (MÃE, 2011, p. 11-12). Nessa história, que mais parece uma fábula pela organização narrativa estruturada, os personagens são representações de sujeitos marginalizados na sociedade. Tais personagens configuram-se como tipos encontrados fora do livro: a mulher, Isaura, rejeitada por ter mantido relações sexuais antes do casamento, tida como “solteirona” e “desonrada”, sofrendo com a visão patriarcal da comunidade e da própria família que acredita que somente um casamento poderá salvá-la; Antonino, homossexual, tido como “diferente” e “repugnante” e a anã, desprezada pelas outras mulheres da trama por sua condição física.

### **Antonino, o homem maricas**

Em *O filho de mil homens*, Valter Hugo Mãe elabora uma espécie de radiografia do preconceito na sociedade. A ideia do preconceito é representada pelo modo como os sujeitos são tratados no universo do romance. Para isso, a articulação da narrativa e o modo como o autor edifica as representações de sujeitos tidos como minoritários buscam dar ao leitor, de maneira didática, o sentimento de “ser diferente”. Antonino, o personagem homossexual, designado pelo epíteto de “homem maricas”, é descrito como um ser diferente e repugnante, noutras delicado e frágil, características que se conectam à sua identidade homossexual: “A Isaura confundia-o com as flores. Via-o delicado e pensava que ele era frágil e imprestável como as flores” (MÃE, 2011, p. 53).

Essa ilustração corrobora a discussão proposta por Stuart Hall (2016) em *Cultura e representação* sobre a produção da diferença e a criação do estereótipo. Para Hall, o estereótipo é produzido pela repetição de imagens e discursos sobre sujeitos que estão à margem das normas estabelecidas pela hegemonia. Ou seja, a estereotipagem é uma estratégia utilizada para marcar a diferença dos sujeitos marginalizados. Elaborando uma distinção entre tipo social e estereótipo, Hall (2016, p.192) define a estereotipagem:

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro” (insiders) e “forasteiros” (outsiders), entre nós e eles. A estereotipagem facilita a “vinculação”, os laços, de todos nós que somos “normais” em uma “comunidade imaginária”; e envia para o exílio simbólico todos “Eles”, “os Outros”, que são de alguma forma diferentes, “que estão fora dos limites”.

Hall (2016) discute principalmente como a estereotipagem funciona na cultura, observando como as imagens dos sujeitos minoritários são construídas por representações que reforçam a “diferença” e produzem identidades geralmente negativas. Em *O filho de mil homens*, a partir da narração, Valter Hugo Mãe busca tornar visível a produção de estereótipos sobre os sujeitos “diferentes” a partir das falas dos personagens “normais”, mas também se utiliza dessa linguagem estereotipada para defini-los, dando o efeito de reforço do estigma que os marcam. É possível observar esta configuração com alguns trechos do romance:

Falavam dele efetivamente como de um ser aberrante com algum mistério e muito terror. Era como acreditar no lobisomem, nos vampiros ou num morto-vivo. Contavam piadas como se do cu de um maricas nascessem feras metidas tripas adentro a fazer ninho. Riam-se como se por ali, como por bocas dentadas, o cu dos maricas triturasse as cadeiras onde se sentava. Diziam que comia esterco porque o mau gosto o fazia apreciar espeluncas e fossas. O Antonino, no anedotário ridículo da vizinhança, era fecal, putrefacto, morto. (MÃE, 2011, p. 98-99).

A descrição sobre Antonino é impiedosa. O narrador enfatiza o modo como os outros, “os normais”, percebiam-no, imagens que constroem o estereótipo sobre o sujeito homossexual. É interessante perceber como o narrador que antes parecia sumir diante da narração retorna para trazer à descrição, em tom picaresco, um ponto de realidade. O narrador afirma a sensação que provavelmente o leitor terá ao ler as impressões sobre a homossexualidade e assume o ridículo dessas imagens. O caráter burlesco, folclórico, das analogias que a vizinhança, pela boca do narrador, faz de Antonino e da homossexualidade ressalta como o sujeito homossexual é compreendido em uma sociedade de ordem heteronormativa. O que parece apenas literatura ancora-se à realidade por ser fielmente chocante. Ao assumir como ridículas as analogias feitas sobre Antonino, o narrador imprime o efeito de choque na narrativa:

[...]o velho Alfredo assim lho repetiu: os maricas, de tanto insistirem, ainda hão-de ensinar a humanidade a nascer pelo cu. Era um conceito difícil e malcriado para uma criança, mas significava um pouco o que diz o ditado da água mole na pedra dura, que de tanto investir há-de furar. Os maricas, de tanto o quererem, hão-de fazer do cu um lugar todo ao contrário. Ao Camilo importava saber se as pessoas que daí nasciam seriam normais. O velho Alfredo, a aterrorizar o pequeno, dizia-lhe que se calhar nasciam sem cabeça ou com olhos de pepino ou teriam braços moles sem ossos e buracos na pele. (MÃE, 2011, p. 107-108).

Esse tom burlesco da narrativa que mostra imagens estereotipadas e absurdas da homossexualidade revela não apenas o ridículo do imaginário social acerca dos sujeitos homossexuais, mas também encontra nessas imagens o modo como as visões hegemônicas associam a diferença ao negativo. No caso, os homossexuais são comparados com monstros ou formas abjetas. Essas comparações correspondem a uma forma de reduzir o sujeito, mas também ligam essas imagens a um aspecto folclórico, fantasioso. De acordo com Hall (2016), a produção dos estereótipos é configurada de diversas maneiras pela cultura, marcando a diferença dos sujeitos tidos como “anormais” dos “normais”. Desse modo, a criação do sujeito “diferente” procura reduzi-lo e objetificá-lo, produzindo um sujeito negativo e monstruoso, assim como cria imagens que em sua fantasia marcam a diferença:

O ponto importante é que os estereótipos referem-se tanto ao que é imaginado, fantasiado, quanto ao que é percebido como “real”, e as reproduções visuais das práticas de representação são apenas metade da história. A outra metade – o significado mais profundo – **encontra-se no que não está sendo dito, mas está sendo fantasiado, o que está implícito, mas não pode ser mostrado.** (HALL, 2016, p. 200, grifos do autor).

Pensando nisto, percebe-se, pelas imagens absurdas e abjetas acerca da homossexualidade construídas pela narrativa de *O filho de mil homens*, que o modo como os personagens “normais” falam sobre Antonino sinaliza a sua rejeição. Os aspectos que a narração põe em destaque ampliam a dimensão da rejeição do sujeito homossexual, utilizando-se das analogias absurdas e abjetas, em que as descrições reduzem o personagem, comparando-o a bichos e monstros. A fantasia, o folclore, a lenda do sujeito homossexual monstruoso, pervertido e abjeto é criada, apresentando a aversão de uma comunidade que entende a homossexualidade de Antonino como uma doença. Esse aspecto se acentua também pela relação entre o personagem e sua mãe, Matilde. Quando Matilde resgata Antonino logo depois dele ter sido espancado, percebe-se o nojo da mãe perante o corpo homossexual do filho:

O Antonino deitou-se à cama, porque a Matilde não teve coragem de o levar ao hospital, e comeu sopa e cuspiu sangue. A mãe, em protesto, fechou-lhe o quarto como a um cão e fê-lo sentir o asco que a acometia entregando-lhe as refeições à distância, não dizendo mais nada. Pousava a bandeja com o prato e a água na camilha e saía. Não olhava para ele. Escusava-se a olhar. Tinha-lhe deixado pomadas e comprimidos. Quando era preciso algo mais, ele batia à porta e ela permitia que fosse à casa de banho. Acontecia ter de esperar, enquanto ele tratava dos campos e dos animais. Depois, ela recolhia as toalhas com luvas e imergia-as em água e lixívia por horas. Ia metê-las ao tanque com muito sabão para se esquecerem de ter encostado na pele do Antonino. De todo o modo, ela nunca as usaria. Seriam dele, para ele, enquanto sobrevivesse. (MÃE, 2011, p. 90).

O sentimento de asco da mãe pelo corpo do filho ressalta a rejeição sofrida pelo sujeito homossexual. As imagens grotescas e asquerosas que elaboram as descrições de Antonino dão à narrativa a dimensão desumana do preconceito. O corpo é o elemento utilizado para que o efeito da violência tanto simbólica quanto física contra Antonino tenha ênfase. A exploração da imagem do corpo, principalmente do “cu” de Antonino, revela como a estrutura da produção da diferença está ligada ao fetiche.

Voltando a Stuart Hall (2016) e sua concepção acerca do estereótipo, o autor percebe como o fetiche é um dos componentes da estereotipagem, produzindo sujeitos marcados pela diferença: “Esta substituição do todo pela parte, de um sujeito por uma coisa – um objeto, um órgão, uma parte do corpo – é o efeito de uma prática representacional muito importante, o fetichismo” (HALL, 2016, p. 205). O “outro” é marcado em sua diferença a partir da redução do seu “todo” a um aspecto físico, a uma “parte” sua. No caso da representação de Antonino, as imagens estereotipadas que os outros personagens trazem dele referem-se, principalmente, ao cu. Mas o cu está não só como uma “parte” de Antonino, mas como uma “parte” do sujeito homossexual, e, portanto, torna-se o “todo” de Antonino e também o símbolo da sua homossexualidade desprezada.

Quanto a esta redução do corpo homossexual masculino que faz com que o cu, a partir da elaboração da estereotipagem, seja o símbolo da homossexualidade, percebe-se que associar o homossexual ao ânus é também uma maneira de o depreciar, expô-lo a uma identidade degradada. Nesse sentido, a estética grotesca que Valter Hugo Mãe geralmente utiliza em suas narrativas como forma de ampliar aspectos da realidade ao exagero e proporcionar um efeito de choque é o viés mais adequado para direcionar o leitor à experiência da degradação humana. Tem-se o rebaixamento do humano a partir da redução do corpo às partes baixas, no caso, o cu, explorando a sua imagem de degradação. Frente ao riso patético do grotesco que encobre a realidade, há o abismo do horror que se apresenta.

O corpo na narrativa de *O filho de mil homens* transforma-se então no elemento capaz de apresentar o estigma dos personagens minoritários. É a corporalidade visível que se alia à marcação da diferença e que ilustra essa diferença como a justificativa para a sua rejeição. Como afirmou Paul B. Preciado (2014, p. 31), “a arquitetura do corpo é política”. O corpo é o espaço material para a produção da identidade estigmatizada. O estigma é a marca visível desse corpo, mas também é a marca imposta a esse corpo. Por isso, há o enfoque no corpo de Antonino, em sua maneira delicada, “diferente dos outros rapazes”. Uma atribuição da sexualidade à imagem do corpo, assim como a atribuição no corpo do efeito de rejeição dos “normais”:

A outra perguntava: e não lhe dá nojo, a lavar-lhe as roupas e as louças. Ainda apanha doenças com isso de mexer nas porcarias do corpo dele. A Matilde dizia que sim, que lhe dava nojo, mas também achava que ainda era só uma delicadeza, não era sexual. Talvez nunca viesse a ser sexual. Mate-o, como se faz aos escaravelhos que nos assustam. São um nojo quando se põem aí a voar na primavera. A vizinha insistia: o seu rapaz é maricas para a vida inteira, que ele abana-se como os galhos e tem mais flor do que a amendoeira. (MÃE, 2011, p. 87).

A reiteração da imagem da diferença marcada no/pelo corpo pressupõe que, assim como o gênero, o corpo também é construído discursivamente. Essa ilustração da narrativa ancora-se ao conceito de gênero discutido por Butler (2010). Para a autora, o gênero, assim como o corpo, é significado, produzido e construído no interior dos discursos de um regime de poder:

Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero; e emerge então a questão: em que medida pode o corpo vir a existir na (s) marca (s) do gênero e por meio delas? (BUTLER, 2010, p. 27).

Dessa forma, é possível compreender como o elemento do corpo surge na narrativa como principal foco do narrador na descrição dos personagens, mas também sugere a ligação entre gênero e identidade. A identidade homossexual é construída a partir desse discurso social que elabora uma ideia normativa dos gêneros. Butler (2010, p. 28) aponta que o gênero, por ser construído discursivamente, é também relacional:

Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um “fator” ou “dimensão” da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma “marca” de

diferença biológica, linguística e/ou cultural. Nestes últimos casos, o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe em relação a outro significado oposto. Algumas teóricas feministas assumem ser o gênero “uma relação”, aliás um conjunto de relações, e não um atributo individual.

Ou seja, o gênero se constrói em um conjunto de relações que regulam as diferenças em um regime de gênero em que a heterossexualidade é concebida como matriz. Nesse sentido, como Butler elabora, os gêneros inteligíveis, aqueles que correspondem à coerência da simetria sexo-gênero-prática sexual e desejo, em outras palavras, a heteronormatividade, marcam os que são “incoerentes” a esta simetria como o “outro”.

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (BUTLER, 2010, p. 38).

O personagem Antonino é apresentado a partir das imagens que mostram a sua diferença perante os outros homens. A sua identidade enquanto pessoa é atrelada à sua “incoerência de gênero”. Desse modo, não sabemos quem é Antonino senão pela marca da sua diferença. Sua identidade é construída nesta relação de alteridade que se traduz como uma relação de oposição, normal/anormal, onde a performance de gênero sobressai a qualquer outra característica. Ele é o sujeito homossexual, o homem maricas.

Como Butler (2010, p. 37) formulou:

Seria errado supor que a discussão sobre a “identidade” deva ser anterior à discussão sobre a identidade de gênero, pela simples razão de que as “pessoas” só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero.

Ao expor a rejeição do personagem Antonino por seu estigma homossexual, Valter Hugo Mãe buscou retratar em etapas a experiência do sujeito homossexual. Para isso, vemos que o percurso de Antonino percorre alguns pontos fundamentais para a compreensão dessa experiência. Nesse sentido, há no romance uma evolução desse personagem, configurando-se como em um romance de formação. Mesmo que a narrativa não seja somente sobre Antonino, há um percurso cronológico sobre

esse personagem que remonta sua vida enquanto infância e adolescência para a vida adulta, assim como também elabora uma trajetória do seu reconhecimento de si. Essa trajetória é a mais importante, pois elenca os fatos representativos para a experiência do sujeito homossexual em uma sociedade de ordem heteronormativa. Assim, as etapas observadas nesta construção refletem a situação de preconceito, a relação mãe e filho (homossexual e família), a descoberta de si, a aceitação da comunidade e o final feliz. As últimas etapas, a aceitação da comunidade e o final feliz remetem ao significado geral da trama, que, como explícito em suas primeiras páginas, busca ser uma narrativa de cunho didático e moral sobre a importância do afeto.

Desse modo, o que é percebido na narrativa de Valter Hugo Mãe é a tentativa de elaborar uma representação próxima à experiência do homossexual na realidade (mesmo que o final feliz destoe do que acontece muitas vezes na vida real). Assim, as etapas que caracterizam a evolução do personagem Antonino são significativas para entender os temas que perpassam a questão da condição do sujeito homossexual. O preconceito, do qual tratei mais profundamente até agora, é um ponto forte na trama e alia-se à representação da ideia de estereótipo e produção da diferença. O tema do preconceito é expresso na narrativa de forma crua e configura o efeito intenso pela crueza da descrição das imagens de homofobia, mas também proporciona ao leitor a empatia perante o personagem Antonino:

A vizinha, mais fácil a dizer as coisas, contava-lhe que pelas redondezas os poucos casos daqueles tinham sido tratados em modos. Uns racharam os filhos ao meio, outros mandaram-nos embora espancados e sem ordens para voltar, e um homem até subiu pelo cu acima do filho uma vara grossa e pô-lo ao dependuro para todos verem. Era uma bandeira. E quem via tinha-lhe tanto horror quanto desprezo. (MÃE, 2011, p. 87).

Novamente, a imagem do cu retorna como símbolo. No trecho acima, vemos a representação da homofobia de forma crua e intensa, proporcionando a caracterização do horror da violência sofrida pelos sujeitos homossexuais em uma sociedade que busca punir os sujeitos que performam um gênero “incoerente”. No próximo trecho, o autor busca também representar a legitimação da violência homofóbica pelo Estado:

Os polícias nem queriam saber. Se um maricas desaparecesse, eles faziam umas perguntas tolas e iam-se embora sem resistência. Era tão habitual que o povo tivesse juízo para essas decisões antigas, não importava que a lei quisesse outra coisa, porque todas as pessoas sabiam o que estava certo desde há muitos mil anos. (MÃE, 2011, p. 87).

Nesse fragmento, é possível observar como o narrador começa a entoar uma opinião, mesmo que tímida, sobre o que conta. Inicia-se na narrativa uma intromissão afetiva do narrador que contava os fatos tentando abster-se, mas, à medida que os personagens vão ganhando mais destaque, busca criar um efeito de empatia no leitor. Na narração sobre a relação entre a mãe Matilde e o filho Antonino, o narrador busca contar essa história de modo a criar no leitor uma espécie de compaixão pela mãe que rejeita o filho. A cena que revela o sentimento da personagem Matilde perante o filho homossexual mistura delicadeza e complexidade:

A Matilde, talvez por criar viúva o seu único filho, enojava-se do mesmo jeito mas agia diferente. Não teria coragem para desfazer um filho, o único filho, que tanto trabalho e sonho lhe dera. Se, pelo menos, o pudesse mandar embora, mesmo que não tivesse mais familiares, nem muito para onde ir. Ficariam sozinhos um do outro. A Matilde queria acreditar que, mandado embora, o filho poderia resolver o problema, como se longe dali ele não florisse, não gesticulasse, não subisse um tom nas sílabas mais bonitas das palavras quando falava a rir, talvez longe dali não fosse maricas. Talvez porque ela também tivesse culpa. Era culpada duas vezes, uma de o ter feito assim, outra de não encontrar solução. Respondia à vizinha que o Antonino era só um miúdo, e nem gostaria de rapazes porque ainda sequer tinha idade para gostar de raparigas. Era só um criança mais enfezado nos modos e com poucas conversas. (MÃE, 2011, p. 88).

A exposição do sentimento da mãe amplia o caráter desumano do preconceito. Diante da sugestão da vizinha que diz a ela que mate o filho, o afeto, ainda que dividindo espaço com o nojo, prevalece. Matilde se sente culpada por pôr no mundo um filho homossexual. Esse trecho faz parte da etapa da relação mãe e filho na experiência da condição homossexual. Antonino, rejeitado pela comunidade, não encontra nem mesmo na mãe um apoio. A própria mãe se sente indecisa quanto ao que deve sentir: de um lado o afeto pelo filho que a faz converter a culpa de Antonino para si; de outro, a rejeição e o nojo que compartilha com a comunidade perante a homossexualidade. Isto confere à narrativa a exposição dos afetos a que são acometidos os personagens e lhes dão a complexidade do humano. Não há, de um lado, “os normais” como os maus, nem há “os anormais” como bons. Há pessoas complexas que buscam agir diante de seus afetos e crenças. Essa caracterização aponta para a ideia de uma transformação possível dessa realidade, uma aprendizagem pelo afeto. Matilde, ao mesmo tempo em que tem ódio do filho, não consegue rejeitá-lo. Por expor esse sentimento de dualidade de Matilde, Valter Hugo Mãe consegue fazer com que esse personagem demonstre a sua humanidade e dá uma pista para a transformação que ocorrerá mais adiante.

## O preço dos pardais

Depois de conhecermos Antonino pelas imagens preconceituosas dos outros personagens, o próximo percurso de sua trajetória continua pelo viés do preconceito. Até então, só supomos que Antonino seja um sujeito homossexual pela ótica social que significa as marcas de gênero “incoerentes” do seu corpo. Não há na trama de início nenhuma cena que mostre o personagem vivendo sua sexualidade. Antes de se compreender enquanto homossexual, Antonino já é marcado pelo estigma por não corresponder ao modo como é entendida a masculinidade naquele universo. A cena em que é espancado pelos homens que o veem próximo ao riacho mostra a diferença de Antonino perante os homens de gênero “coerente” e descreve a interdição do desejo homossexual:

Não foi verdade que tivesse baixado as calças. Não estava a tocar-se. Quando um dos homens o apanhou, ele estava apenas agachado a dar uns passos para longe, a ver como sair dali do mesmo discreto modo como chegara. Mas parecia um bandido a roubar sorrateiramente quando deu uns passos em jeito de saída. Que diabo haveria de ter roubado, se levava os bolsos vazios. Parecia um bandido e, por azar, era o moço maricas, filho da Matilde, de que já muita gente começava a falar. O homem deitou-lhe a mão e esticou-o à sua frente. Entre as pernas do rapaz preponderava o seu pensamento. O homem apertou-o assim mesmo. A mão entre as pernas do rapaz como se fosse de espremer-lhe o pênis até o fazer rebentar. O Antonino gritou de dor. Quando os outros se aperceberam do rapaz maricas tombado de joelhos, vieram da água como estavam e não se cobriram. Expuseram-se como machos normais, com o direito absoluto, retirando ao rapaz qualquer desculpa ou dignidade. (MÃE, 2011, p. 93).

Essa cena também busca restituir a experiência absurda da homofobia e é uma ilustração que descreve a ligação entre norma e violência. Conexão que Pierre Bourdieu (2002) observou no comportamento violento dos homens como uma estratégia para manter o *status* de dominador. Para Bourdieu, a violência é utilizada pelos homens para manter o *habitus viril* da masculinidade.

Percebe-se, nesse sentido, que há uma ligação entre violência e manutenção da ordem. Butler (2010) também aponta para esta questão quando reflete que o regime de gênero se utiliza de métodos coercitivos. Mas há também uma leitura diferente sobre a punição da diferença no interior da norma. É o que elabora Guy Hocquenghem (2009, p. 21) ao discutir que, no medo da homossexualidade, esconde-se um desejo latente: “*Lo que causa el problema no es el deseo homossexual sino el miedo a la homosexualidad*”<sup>1</sup>. Para Hocquenghem, o medo da homossexualidade

---

<sup>1</sup> “O que causa o problema não é o desejo homossexual, mas o medo da homossexualidade” (Tradução minha).

esconde o desejo homossexual. A repressão torna-se paranoia e a homossexualidade é perseguida:

*La constitución de la homosexualidad como categoría separada va a la par con su represión. De ahí que nos extrañemos al descubrir que la represión anti-homosexual es en sí una expresión desviada del deseo homossexual. La actitud de lo que se ha convenido en llamar “la sociedad” es, desde este punto de vista, paranoica: sufre de un delirio de interpretación que le lleva a captar en todas partes indicios de una conspiración homossexual contra su buen funcionamiento<sup>2</sup>. (HOCQUENGHEM, 2009, p. 27).*

Para ilustrar esta compreensão de Hocquenghem (2009), voltemos à cena do espancamento de Antonino:

O primeiro homem jurou que ele estava de calças arreadas a tocar-se. Dizia: estava a comer-se de nós, a pensar em nós. Passou por todos a sensação estranha de o Antonino lhes tocar sexualmente. Num instante, todos sentiram na imaginação o que seria um cachopo daqueles sobre os seus corpos. Quando o primeiro o esbofeteou, já um segundo lhe levava o pé ao peito. Pela raiva, tanto lhe pediam explicações como o esganavam. E ele foi ficando pelo chão, reagindo menos, rastejando, julgando que à beleza dos homens correspondia a fúria, a bestial crueldade. (MÃE, 2011, p. 93).

A violência responde à rejeição da possibilidade de desejo homossexual. É a forma que os homens, como mostra o trecho do romance, encontram para expurgar o desejo e manter a pureza da masculinidade. Com essa representação, Valter Hugo Mãe empreende uma tentativa de compreender a homofobia e põe desnudo o moralismo dessa sociedade. Além de pensar o preconceito como um dos elementos da condição existencial do sujeito homossexual, trazendo assim uma reflexão sobre a diferença e a violência de gênero, a narrativa de *O filho de mil homens* também propõe pensar sobre outro elemento que emerge desta condição social, o fato biológico como determinante social, natureza *versus* cultura. Essa discussão tem conexão com a etapa do reconhecimento de si do personagem Antonino. Antonino é um sujeito marcado pelo estigma da homossexualidade, mas ainda não havia experimentado em sua sexualidade o desejo homossexual que lhe era interdito antes mesmo de se concretizar. Ele é impedido de viver livremente

---

<sup>2</sup> “A construção da homossexualidade como categoria separada segue em par com sua repressão. Estranhamos ao descobrir que a repressão anti-homossexual é em si uma expressão desviada do desejo homossexual. A atitude do que se convencionou chamar de “a sociedade” é, deste ponto de vista, paranoica: sofre de um delírio de interpretação que leva a ver em todas as partes indícios de uma conspiração homossexual contra seu bom funcionamento” (Tradução minha).

o seu ser, pois a construção desse personagem revela que até então Antonino só é compreendido como homossexual pelos outros, pois para ele sabia somente que havia “nascido diferente dos outros homens”. Quando o desejo enfim se estabelece com persistência, Antonino busca vivê-lo em respeito a si próprio. O trecho do romance em que ele se masturba dá a proporção da naturalidade com que o desejo emerge para Antonino em meio à rejeição:

Procurando-se, o Antonino sentara-se na cama a meio da noite a transpirar. Era-lhe incompreensível o que acabara de fazer. Estava estupefacto com o seu gesto, assustado, os olhos abertos numa vergonha sozinha, íntima, uma vergonha de si mesmo. Metera o dedo. Como se o dedo fosse algo que não podia ser, autonomizando-se, servindo de amor. Um dedo a fazer do amor de outrem. A servir de amor. Cauteloso, carinhoso, lascivo. Pensou que estava louco e zangou-se consigo mesmo repugnado e recusando aceitar ser assim, repetir tal vergonha. Uma bágoa rosto abaixo laminou-lhe a pele a ferver. A febre parou-lhe o pensamento. A vergonha parou-lhe o pensamento. O que sabia do amor parou-lhe o pensamento. Não sabia nada sobre o amor. (MÃE, 2011, p. 91).

Esse é o primeiro momento da narrativa em que Antonino começa a se reconhecer. Pelo desejo flui a existência ainda interdita do personagem. É pelo conhecimento do corpo que Antonino procura a si mesmo, procura o desejo interdito por conta da rejeição social e que ainda sequer havia se concretizado. Desse ponto em diante, o leitor passa a conhecer melhor Antonino, seu desejo homossexual é descrito da maneira que o próprio personagem percebe e não pela construção social que o concebe como abjeto: “Lembrava-se do corpo dos homens e achava que talvez fosse necessário que o seu próprio corpo reagisse honestamente a tal memória. Pensara, por um instante, que havia algo dentro de si que o esperava, como alguém dentro de si que o esperava” (MÃE, 2011, p. 91). Mesmo compreendendo a sua natureza, dentro de si havia também o desejo interdito:

Não queria ter nada adiado. Queria ser o que podia, aquilo que lhe era permitido. O resto que estivesse dentro de si precisava de morrer. Pensou nos homens e convenceu-se de que eram animais perigosos que nunca poderia, ou deveria, amar. No dia seguinte, lavando-se, recusou o amor como quem escolhia a sanidade. Haveria de, renunciando à sua própria natureza, ser um herói de si mesmo, um herói da sua mãe. Preferia ser sempre um herói infeliz. (MÃE, 2011, p. 92).

Ao buscar a si, o desejo interdito ainda era mais forte. O fragmento mostra o percurso social da interdição do desejo homossexual: a mãe que representa a família, os homens que representam a ordem heterossexual e patriarcal. Antonino

ainda não podia ser quem era porque a rejeição o fazia se sentir culpado. Mas ele sabia que o seu desejo existia e era natural. Ao expor a angústia do desejo interdito de Antonino, o narrador aponta para a discussão sobre a natureza da homossexualidade. Em outros momentos do texto também é possível perceber esta relação entre natureza e ordem social nas muitas analogias com a vida animal e nas tentativas de compreensão da homossexualidade pela ótica de outros personagens, como no pensamento de Isaura sobre Antonino:

Por vezes, os coelhos, enganados ou a fazerem-se de espertos, esfregavam-se macho a macho para se aliviarem. Ela bem o via. Talvez fosse um erro da natureza que se lhes impõe, porque eles nem pensariam o suficiente para decidirem sozinhos. Os coelhos nasciam quase sem cérebro. Ela olhou para o homem e pensou que ele não teria culpa de ser como era. Talvez tivesse pouco cérebro. (MÃE, 2011, p. 55).

Nesse fragmento, há uma tentativa de compreensão da homossexualidade por Isaura. Essa parte alude a discussão sobre o fator biológico como determinante para a compreensão da sexualidade. Na etapa de reconhecimento de si de Antonino, há em paralelo uma discussão sobre a compreensão da homossexualidade. Enquanto Antonino começa a deixar fluir o seu desejo interdito, outras cenas mostram a busca de outros personagens em definir a homossexualidade. Esses acontecimentos paralelos à consciência de si de Antonino indicam uma transformação dessa sociedade. Mas essa transformação acontece a partir da intervenção de um personagem: Crisóstomo. Ele é o homem que desvia da ideia comum de masculinidade, o sujeito que traz à narrativa uma interpretação diferente da homossexualidade. Enquanto o velho Alfredo representa a visão antiquada, patriarcal e preconceituosa, Crisóstomo é a visão da empatia, a perspectiva de um mundo solidário. Em meio a esses dois homens, o pequeno homem Camilo era a esperança, a quem necessitava de entender a diferença, a quem precisava aprender o afeto:

O Crisóstomo dizia que talvez para os campos as pessoas fossem mais atrasadas, porque ali ao pé da água já se via de tudo e os maricas não tinham novidade nem ofereciam alguma ameaça. Os maricas eram como gente mais colorida a alegrar os passeios. O povo podia rir-se mas não queria fazer grande caso. Só era necessário isso, não lhes fazer caso. (MÃE, 2011, p. 167).

A intervenção de Crisóstomo no ambiente conservador da trama representa a possibilidade de transformação dessa comunidade que aponta para a mudança na realidade fora do livro. Transformação que se dá pela empatia, a aprendizagem do afeto e a educação, como é observado na relação de Crisóstomo com Camilo. Assim, Crisóstomo é o personagem capaz de representar essa possibilidade, pois, ao

casar-se com Isaura, acolhe também Antonino, formando com Camilo uma família. Logo, os outros personagens também começam a se acolher, construindo um grande núcleo em que laços sanguíneos não são fundamentais. Ao contar sobre essa transformação, o narrador não muda essencialmente seu discurso: continua a reproduzir a voz daquele espaço, mas, agora, mostra uma comunidade que tenta lidar, a partir da sua imperfeição, com a diferença que antes rejeitava. Isso também é visível nas falas de Crisóstomo, que, mesmo representando um ideal de respeito e empatia, mostra-se como um personagem verossímil ao ambiente interiorano e atrasado que o cerca:

O Crisóstomo nunca queria mal algum ao Antonino, sabia dele agora, magoava-se, mas recebia a vida como ela era e fazia o que podia. Não pensava em mais nada. Os maricas, acreditava ele, estavam doentes de algo incurável. O importante era que não passassem dos limites. (MÃE, 2011, p. 110-111).

Mesmo aceitando e defendendo Antonino, Crisóstomo ainda entende a homossexualidade como algo estranho, mesmo não a condenando como fazem os outros personagens. Essa configuração da narrativa é interessante e aponta para a ideia de possibilidade de transformação do mundo. O narrador mostra esses personagens em seus conflitos de crenças e afetos, mas os mostra em sua realidade, e, quando esses se transformam, não mudam de forma mágica, como se a aceitação do diferente em uma sociedade heteronormativa fosse algo simples. Para que a verossimilhança desse mundo construído em tons interioranos e patriarcais fosse consistente, foi preciso que o autor, a partir da narração, promovesse a mudança de forma que a conexão com o real fosse compatível com o tipo de sociedade que representa. Assim, ao mesmo tempo que Antonino começa a se reconhecer, a comunidade inicia sua aprendizagem e o acolhe. Pois o mais importante para esta narrativa não é a representação de uma transformação de padrões de uma sociedade de forma instantânea e inverossímil, mas a ideia de que, somente com a tentativa de aceitação da sociedade, o sujeito homossexual pode compreender a si mesmo sem sofrimento.

Nessa etapa de aceitação da comunidade, Antonino vai encontrando a si, à medida que também reencontra o amor da mãe Matilde e o afeto de Isaura e Camilo. O romance torna-se claro enquanto a sua moral: precisava da aceitação e do respeito dos outros para que Antonino pudesse viver a sua sexualidade. Assim, o amor aparece para Antonino já nas últimas páginas da narrativa, e vem diferente, como uma quebra na ideia de homossexualidade debatida pelo livro e construída pela visão social dos outros personagens:

Veio um desconhecido e olhou para o Antonino. Esticado, e a parecer comprador, olhou para o Antonino. O Antonino arrepiou-se. Estava com cheiro dos bezerros

e mais os cheiros das galinhas de meter-lhes o dedo no cu, e elas andavam sempre por ali a deitar ovos enquanto ele arremessava umas couves ao chão para debicarem. [...] O Antonino esfregou os dedos na roupa suja e ficou tão nervoso que apenas reparou em como um homem podia ser um assunto tão intenso. A Isaura, descendo a correr as escadas, disse: vou à casa da praia. Até logo. Foi certamente para que ficassem sozinhos. O Antonino não conseguia respirar. (MÃE, 2011, p. 191-192).

O homem que flerta com Antonino não é um sujeito homossexual com trejeitos próximos ao que se entende como feminilidade, e, nesse contexto, o final é surpreendente, pois aponta para a diversidade de modos de ser homossexual, quebrando a visão estereotipada que busca enquadrar os sujeitos homossexuais em uma identidade homossexual única:

A cria, atabalhoada com aquilo e com ser criança, observou o Antonino e o desconhecido e sentiu que, não se conhecendo antes, eram já amigos. Eram como amigos e achou que se conheceriam para sempre, como se não pudessem voltar a desconhecer-se ou não quisessem nunca mais deixar de se ver. A Matilde achou muito masculino que o desconhecido não chorasse. Achou muito masculino que não tivesse medo de pegar num morto. Achou que estava com o Antonino, pensou que não havia mais nada a achar e muito menos a fazer. A Matilde perguntou: como se chama. (MÃE, 2011, p. 194).

O que se compreende até então é que a motivação de Valter Hugo Mãe ao construir o personagem homossexual em uma proximidade com o estereótipo tinha como intenção refletir sobre a dificuldade de aceitação da diferença, além de perceber a produção da diferença pela via do estereótipo e descrever as estratégias violentas que a sociedade busca para manter a ordem e a pureza. Essa lógica parece se intensificar quando percebemos que, para além da representação de um sujeito homossexual mais próximo do estereótipo e outro que quebra o estereótipo, além da representação de um homem heterossexual que também quebra com o senso comum de masculinidade, o ponto de vista da narrativa continua sendo o social. É Matilde quem percebe a “masculinidade” do desconhecido por quem Antonino se apaixonou. É a própria sociedade que continua a pensar e a reagir do mesmo modo, mesmo com a aprendizagem da aceitação do diferente, pois a mudança está na vontade de aceitação e não somente na transformação dos padrões sociais. Nesse sentido, a narrativa de *O filho de mil homens* mostra a sua verossimilhança com a realidade fora do livro e reitera a sua mensagem: o amor é uma atitude.

TEOTÔNIO, R. C. A. Antonino, the faggot man: stigma and production of difference in *O filho de mil homens*, by Valter Hugo Mãe. **Itinerários**, Araraquara, n. 48, p. 165-182, jan./jun. 2019.

■ **ABSTRACT:** *The article analyzes the construction of the character Antonino in the novel O filho de mil homens by portuguese author Valter Hugo Mãe, observing how the author represents a stigmatized view of the homosexual subject, with a narrative strategy that refers to social speech. The text reflects on the social and discursive construction of gender in a society of heteronormative order, using the theories of Butler (2010) and Hall (2016), as well as the analysis of the literary text, intending to discuss stigma, stereotyping and production of difference.*

■ **KEYWORDS:** *Antonino. Difference. Gender. Subject. Valter Hugo Mãe.*

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

GOFFMAN, Irving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução Mathias Lambert. Rio de Janeiro. LTC, 1975.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HOCQUENGHEM, Guy. **El Deseo Homosexual**. Traducción Geoffrey Huard de la Marre. Editorial Melusina, S. L, 2009.

MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade**. Tradução de Maria Paula Gurgel Pinheiro. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

